



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Quatro sinistros, Quatro soluções distintas de reconstrução

Four fires, four distinct rebuilding

Cuatro fuegos, cuatro soluciones distintas reconstrucción

PESSÔA, José (1)

(1) Professor Doutor, Universidade Federal Fluminense, UFF – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo PPGAU, Niterói, RJ, Brasil; email: jsbpessoa@uol.com.br

Quatro sinistros, Quatro soluções distintas de reconstrução

Four fires, four distinct rebuilding

Cuatro fuegos, cuatro soluciones distintas reconstrucción

RESUMO

A proposta do presente artigo é a de contribuir com o debate do seminário temático "Reconstruir; desconstruir; historiar: a 'História da construção' e suas práticas", analisando a prática brasileira de reconstrução de monumentos incendiados através da comparação de quatro grandes reconstruções realizadas pelo IPHAN dos anos 1960 até hoje. Em comum os quatro exemplos tem o fato: serem igrejas tombadas individualmente pelo IPHAN; terem tido o seu interior, total ou parcialmente perdido com os respectivos incêndios; terem os respectivos projetos e obras de restauração acontecidos em tempos muito próximos da ocorrência dos sinistros.

Reconstruir no caso das igrejas tombadas pelo IPHAN e sinistradas vai comportar uma variedade de visões da relação do novo com as estruturas construtivas tradicionais, relações estas que também estão presentes nas experiências de restauração que ocorreram nesse mesmo período. Estes diferentes enfoques de projeto contribuem para entendermos as práticas de reconstrução na experiência brasileira de restauração e conservação.

PALAVRAS-CHAVE: reconstrução, sinistro, igrejas, IPHAN, Brasil.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to contribute to the debate of the thematic seminar "Rebuilding; deconstruct; historicizing: the 'History of construction' and its practices", analyzing the Brazilian practice of rebuilding monuments torched by comparing four major reconstructions performed IPHAN 1960s until today. In common, the four examples is the fact that churches are individually listed by IPHAN; having had the inside, totally or partially lost with their fires; have projects and restoration work happened in times very close to the occurrence of fires.

Rebuild churches burned in their case will involve a variety of views of the relationship between the new and traditional building structures. These different projective approaches contribute to understanding the practical reconstruction of the Brazilian experience in restoration and conservation.

KEY-WORDS: rebuilding, fire, churches, IPHAN, Brazil

RESUMEN

El propósito de este trabajo es contribuir al debate del seminario temático "La reconstrucción; desconstruir; historizar: la " Historia de la construcción "y sus prácticas", el análisis de la práctica brasileña de monumentos reconstrucción incendiados mediante la comparación de cuatro reconstrucciones importantes realizadas IPHAN de 1960 hasta la actualidad. En común, los cuatro ejemplos es el hecho de que las iglesias se enumeran de forma individual por el IPHAN; haber tenido el interior, total o parcialmente perdidos con sus fuegos; han de proyectos y obras de restauración que sucedió en tiempos muy cercanos a la ocurrencia de incendios.

Reconstruir las iglesias quemadas en su caso implicarán una variedad de puntos de vista de la relación entre las nuevas y tradicionales estructuras de los edificios. Estos diferentes enfoques proyectivos contribuyen a la comprensión de la reconstrucción práctica de la experiencia brasileña en la restauración y conservación.

PALABRAS-CLAVE: reconstrucción, fuego, iglesias, IPHAN, Brasil



1. INTRODUÇÃO

A hipótese de reconstruir monumentos arquitetônicos, destruídos por grandes catástrofes, sejam estas naturais ou humanas, é ainda um tema polêmico no debate sobre a preservação do patrimônio cultural. A reconstrução da catedral barroca de Dresden na Alemanha ou da ponte medieval de Mostar na Bósnia são objetos de defesa apaixonada e crítica acérrima. No Brasil o recente exemplo da reconstrução da igreja matriz de São Luís do Paraitinga vem colecionando polêmicas e pontos de vista exaltados e divergentes. A proposta deste artigo é tentar identificar, como no Brasil, a questão da reconstrução do patrimônio arquitetônico destruído por catástrofes foi enfrentada e com isso contribuir para o debate do seminário temático "Reconstruir; desconstruir; historiar: a 'História da construção' e suas práticas". Analisaremos a prática brasileira de reconstrução de monumentos incendiados através da comparação de quatro grandes obras realizadas pelo IPHAN dos anos 1960 até hoje. Em comum os quatro exemplos tem o fato de serem igrejas tombadas individualmente pelo IPHAN nos primeiros anos da aplicação do Decreto-lei 25 e terem tido o seu interior, total ou parcialmente, perdido com os respectivos incêndios. Além disso todos os casos aqui analisados não chegaram a se configurar propriamente como ruínas pois tiveram os seus respectivos projetos e obras de restauração realizados em tempos muito próximos da ocorrência dos sinistros. Seriam mais acertadamente classificados como em "estado de ruína" e portanto passíveis de reconstrução.

Os exemplos de que trataremos aqui são: a Igreja do Rosário dos Homens Pretos do Rio de Janeiro (RJ) incendiada em 1967 e reinaugurada em 1972; a Igreja Concatedral da Madre de Deus de Recife (PE), incendiada em 1971 e reaberta ao culto em 1984; a Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Mariana (MG) incendiada em 1999 e reconstruída na década seguinte; e finalmente a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis (GO), incendiada em 2002 e reinaugurada em 2006.

Eles refletem dois momentos do pensamento brasileiro de restauração. As igrejas do Rio de Janeiro e de Recife foram reconstruídas tendo a frente os pioneiros da preservação do patrimônio brasileiro. As de Mariana e Pirenópolis foram operações relativamente recentes e refletem as ideias dos atuais técnicos que hoje operam no IPHAN.

O que é notável para a nossa discussão a partir destes quatro casos de estudo, é verificarmos que as soluções serão conceitualmente bastante distintas entre si, mesmo naqueles exemplos ocorridos em períodos de tempo muito próximos, como no caso da igreja do Rosário dos Homens Pretos do Rio de Janeiro (RJ) e da Concatedral da Madre de Deus de Recife (PE). Poderíamos justificar essa atitude recorrendo a ideia do historiador Benedetto Croce da "insularidade" da obra de arte, que nas operações de restauro traduz-se pelo conhecido "cada caso é um caso". Há porém uma outra questão fundamental. Nunca houve um pensamento único de restauração dentro do IPHAN, e os diferentes modos de intervir são resultado das diferentes visões dos técnicos envolvidos e do debate destas ideias.

No caso da igreja carioca será dada a partir de um estudo de Lucio Costa, uma solução de fechamento e ambientação do espaço interior radicalmente moderna; já na igreja pernambucana se procederá a recuperação dos elementos primitivos perdidos com o incêndio, reconstituídos na sua forma e não na cor a partir de levantamentos fotográficos existentes que serviram de base para os artesão executassem a reconstituição da talha perdida.

Quase trinta anos separam estas primeiras experiências, das duas últimas obras de reconstrução aqui estudadas. Nestes exemplos observamos uma maior proximidade conceitual. Tanto no caso da igreja mineira como no da igreja goiana, elas obedecem a um mesmo princípio geral de recuperação, e que já havia sido levantado em 1971 por Ayrton de Carvalho quando indagado como deveria ser reconstruída a igreja da Madre de Deus.

A ideia de restaurar tendo em mãos o material destruído é o princípio básico da intervenção em ambas as igrejas, porém no caso mineiro o projeto conduziu a alguns ensaios de reconstituição dos elementos de madeira perdida e a consolidação das pedras semidestruídas na Igreja do Carmo de Mariana; já na obra realizada em Goiás as estruturas passam a ter um peso cenográfico enfatizado pela utilização e ambientação de um altar antigo de outra igreja, remontado ludicamente na capela-mor da Igreja Matriz do Rosário de Pirenópolis (GO).

Reconstruir no caso das igrejas tombadas pelo IPHAN e sinistradas vai comportar uma variedade de visões da relação do novo com as estruturas construtivas tradicionais, relações estas que também estão presentes nas experiências de restauração que ocorreram nesse mesmo período. Estes diferentes enfoques projetuais contribuem para entendermos as práticas de reconstrução na experiência brasileira de restauração e conservação.

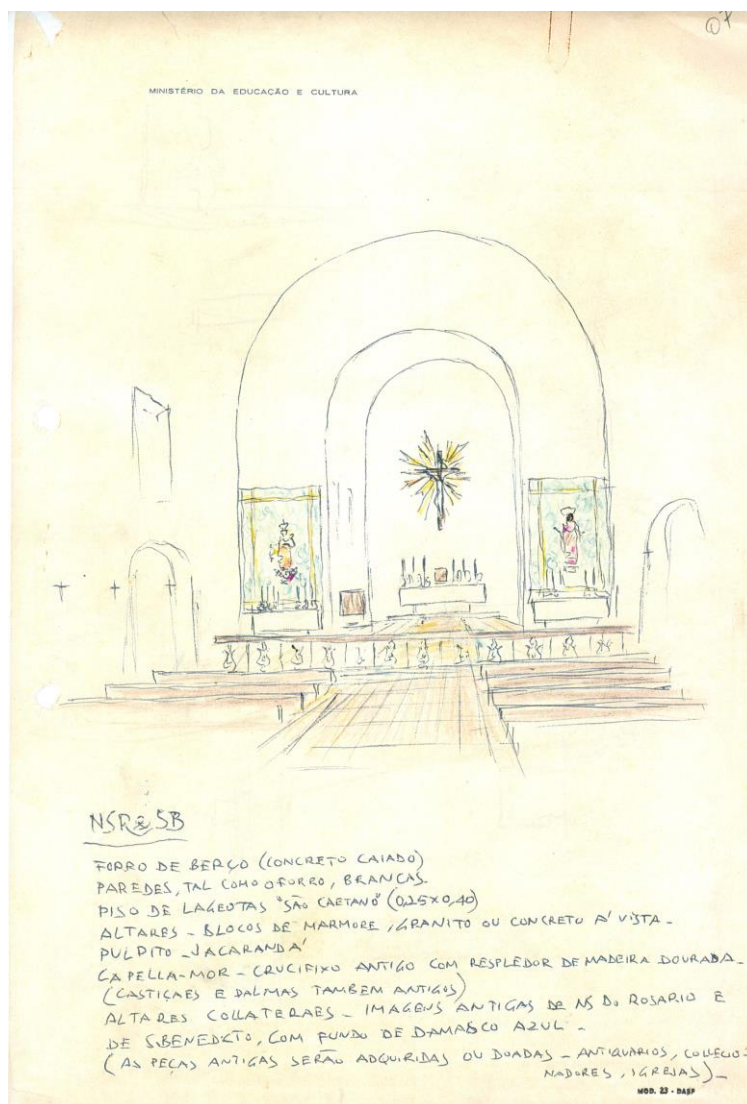
2. A RECONSTRUÇÃO SEGUNDO OS PIONEIROS DO IPHAN: A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DO RIO DE JANEIRO E A IGREJA CONCATEDRAL DA MADRE DE DEUS DO RECIFE

A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é um edifício do início do século XVIII construído por uma irmandade de escravos. Por suas grandes dimensões serviu durante boa parte do século XVIII como Catedral provisória da cidade do Rio de Janeiro. Era uma igreja de nave única com altares laterais, tribunas e capela-mor muito profunda. O forro da capela-mor era em abóboda de berço e o da nave em três planos. O arco cruzeiro era decorado com talha dourada.

Em 26 de março de 1967, o interior da igreja foi completamente destruído por um incêndio, restando apenas as paredes exteriores. Quatro dias depois, em 30 de março, é constituída uma comissão responsável pelas obras de reconstrução da igreja. Faziam parte dela o engenheiro Ruy Moreira Reis, os arquitetos Sabino Barroso e Theodoro Joels e o desenhista Manoel Dias Machado, que desenvolveria o projeto a partir de um risco elaborado pelo arquiteto Lucio Costa. A proposta de Lucio propunha criar um espaço religioso mas radicalmente moderno, sem tentar reconstruir ou aludir a espacialidade e decoração existentes antes do incêndio. É prevista a consolidação das paredes e o fechamento do interior da nave e capela-mor por abóbodas de berço em concreto caiado. Na igreja original apenas a capela-mor tinha forro arqueado em berço. As paredes lisas e caiadas também de branco. O piso seria em modernas lajotas São Caetano. Os altares, o da capela-mor e dois colaterais seriam feitos a partir de dois blocos de mármore, granito ou concreto aparente. Na parede do fundo da Capela-mor, apenas um crucifixo antigo com resplendor de madeira dourada, e sobre a mesa do altar, palmas e castiçais também antigos. Nas laterais do arco cruzeiro, os altares também deveria contar com imagens antigas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, destacadas a frente de painel revestido de damasco azul. O púlpito seria executado em jacarandá, bem como os balcões das tribunas e a grade de separação da capela-

mor para nave. Os passos da paixão ao longo da nave seriam representados por pequenos crucifixos, provavelmente também em jacarandá. Não há no risco de Lucio aos seis altares laterais que existiam primitivamente. No desenho vemos dois deles, mas sem nenhuma imagem, fazendo-nos crer que ficariam como nichos caiados e vazios. Os altares colaterais do arco cruzeiro não existiam na igreja original, sendo uma solução para o enobrecimento e mística religiosa do espaço interior do novo templo como também solucionar as mudanças que na época a igreja exigia da presença Jesus Cristo com destaque no altar principal, no caso o crucifixo. Os altares colaterais serviam para manter os santos de invocação do templo, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, dando-lhes o devido destaque (ênfatisado pelos painéis de damasco azul) sem ir contra as novas recomendações da igreja.

Figura 1: Risco de Lucio Costa para a reconstrução da Igreja do Rosário no Rio de Janeiro



Fonte: PESSOA, 1999.

As peças antigas que ele menciona nas especificações do seu risco deveriam ser obtidas através da doação de antiquários, colecionadores ou outras igrejas. Este confronto entre o novo e o antigo, procurando pelo contraste a valorização de ambas é uma solução recorrente

na obra de Lucio Costa e nas suas propostas no Patrimônio. Na casa Fontes, primeiro projeto moderno feito pelo arquiteto, o despojamento dos ambiente serve de fundo para valorizar a mobília antiga do proprietário.

Em 13 de maio de 1972 é inaugurada a igreja reconstruída. Não temos nos Arquivos do IPHAN informações se o projeto foi executado exatamente de acordo com o risco de Lucio Costa, e posteriormente deturpado, ou se ele não chegou a se concluir sendo realizado de modo diverso ao longo dos anos pela irmandade, proprietária da igreja. O certo é que luminárias nas laterais, que não foram previstas no risco original e a ausência dos painéis de damasco azul comprometem parcialmente a atmosfera de dignidade pretendida por Lucio Costa.

Um ano antes da inauguração da igreja do Rosário reconstruída, um outro incêndio irá destruir uma igreja tombada. A Igreja Concatedral da Madre de Deus de Recife/PE sofre um incêndio em 21 de maio de 1971 que ao contrário do Rosário vai se limitar a capela mor. Apesar disso o dano é de grande monta. A igreja, obra de padres oratorianos da Ordem de São Felipe Neri, havia sido construída no primeiro quartel do século XVIII, com ampla nave única, seis capelas inseridas nas laterais e respectivas tribunas. A capela mor havia sido decorada ainda na primeira metade do século XVIII com talha barroca joanina, considerada de qualidade superior a talha executada na nave. O incêndio portanto, apesar de limitado, representava grave perda ao conjunto artístico da igreja.

Logo após o incêndio foram removidos os escombros sob a direção do IPHAN, selecionando as peças ainda aproveitáveis e outras que poderiam servir de modelo no restauro parcial da capela mor. O diretor do 1º Distrito, Ayrton de Carvalho, tomou a iniciativa de efetuar uma documentação fotográfica do que restou da talha, a cargo do técnico Fritz Simons, bem como do retábulo e do revestimento das ilhargas da capela mor.

Logo após o incêndio numa entrevista concedida para o Diário de Pernambuco, Ayrton de Carvalho quando indagado como deveria ser reconstruída a igreja da Madre de Deus explica que:

.. existem duas escolas de restauração. Uma segue a tese de que ela só pode ser feita tendo em mãos o material mesmo destruído da peça atingida. Outra a de que a parte perdida pode ser substituída por outra nova, tomando o seu formato, mas em cor diferente, a fim de que o público ao ver a peça restaurada não a veja deformada, mas também saiba distinguir o novo do antigo. Como não sei qual dos dois caminhos vai ser seguido, não tenho nem previsão de quanto tempo vai demorar o trabalho de restauração das imagens e do altar da Madre de Deus. Eu tenho a minha opinião, mas esta só a dou por escrito, aos meus superiores.

E finalizando: "lembre-se que isto tudo foi um bate-papo, nada de oficial". (*Diário de Pernambuco, 1971*)

É de supor que o representante do IPHAN em Pernambuco fosse favorável a segunda "escola de restauração", mas ele iria solicitar também a vinda de um técnico da área central, "afim de manifestar-se sobre a melhor maneira de se proceder à necessária restauração da já referida Capela-mor"(Ofício 032/71, Arquivo Central do IPHAN). A escolha entre uma opção ou outra ainda não havia sido definida quando já estavam por ser concluídos os trabalhos de recuperação do arcabouço arquitetônico da capela mor. Conforme podemos verificar do ofício de 28 de novembro de 1972, do arquiteto da Direção Central no Rio de Janeiro, Augusto Carlos da Silva Telles.

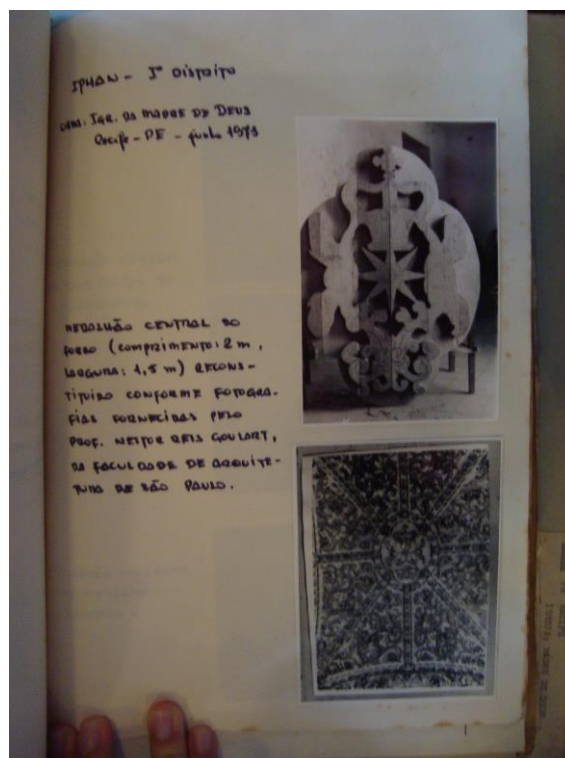
Assim, já foi concluída toda a obra de restauração das alvenarias e telhados destruídos pelo incêndio, em toda capela mor e áreas vizinhas. Igualmente, foram recolhidos e analisados todos os elementos de talha da capela e do altar mor, tanto os salvos do incêndio, como os parcialmente atingidos, mas passíveis da restauração e, igualmente, os elementos ou peças parcialmente destruídas, mas que, de alguma forma

podem orientar numa futura restauração. No momento, está sendo montado, a partir de levantamento existente e de fotos - principalmente da ótima foto feita pelo Prof. Robert Smith - o arcabouço geral da capela mor, estrutura do retábulo, da forração lateral e da abobada de aresta do teto - para, sobre ele, serem fixados os elementos esculturais salvos e, mesmo, os parcialmente ou grandemente danificados. Somente após estes serviços, pela sua própria natureza, difíceis e morosos, será possível um plano e a adoção de critério para orientação dos trabalhos de restauração.

Verifica-se, assim, que o IPHAN, através do seu 1º Distrito está ciente da importância excepcional do monumento tombado, e está agindo, de acordo com os princípios e os métodos que norteiam as obras de restauração, da melhor e da mais segura forma. Qualquer precipitação na adoção de critérios ou no apressamento das obras poderá levar para uma solução pouco ou nada válida, perdendo-se, assim, definitivamente, os poucos vestígios que ainda sobraram da preciosa talha setecentista da capela mor desta igreja. (Arquivo Central IPHAN)

Como existiam fotografias de toda a talha no acervo de estudiosos como Robert Smith e Nestor Goulart Reis Filho, resolveu-se finalmente pela reconstrução das talhas do retábulo, do forro da capela das paredes aproveitando as peças não completamente inutilizadas, e procedendo a restauração das que se perderam com a reprodução a partir de fotografias e moldes, de novas peças realizadas por mestres entalhadores pernambucanos. Foram confeccionadas em cedro, mesma madeira das peças originais, situada no alto, nas ilhargas da capela-mor, constituída de elementos fitomórficos, eram aplicadas em um taboado corrido, de madeira de lei, que passou a revestir toda a alvenaria. Para deixar clara a intervenção feita, as novas peças foram deixadas na madeira aparente, ficando as peças originais com os fragmentos de pintura que sobreviveram ao incêndio.

Figura 2: Recomposição da decoração do forro da Capela mor, Igreja Madre de Deus



Fonte: Arquivo Central do IPHAN

Em 1984 ela foi entregue a comunidade com a talha da capela mor na madeira aparente. A opção feita aqui é era completamente divergente da realizada anteriormente no Rio de

Janeiro. Aqui porém algumas questões devem ter sido fundamentais para se chegar a solução feita. Em primeiro lugar devemos considerar que o incêndio não destruiu a totalidade da igreja, nem mesmo a totalidade da talha da capela mor. Uma solução radicalmente moderna como a de Lucio Costa na Igreja do Rosário, dificilmente teria o mesmo sucesso. O contraste de uma capela mor moderna e despojada, junto da nave rococó, confundiria a leitura espacial da igreja. A opção adotada por Ayrton de Carvalho de refazer a leitura e a espacialidade decorativa da capela barroca, contribui muito mais efetivamente para compreensão espacial do monumento, graças a reprodução fiel dos entalhes - nada das chamadas simplificações dos detalhes decorativos. A intervenção ficaria caracterizada pela ausência de douramento ou pintura nas peças novas.

Anos mais tarde, já havia sinais de desgaste na pintura do século XVIII das peças originais remanescentes, além de problemas generalizados com cupins. Os novos responsáveis pela restauração passam a questionar a opção adotada de deixar visível a intervenção pela madeira aparente e vão propor esconder as novas peças através do douramento e pintura da totalidade da talha da capela mor.

De 2003 a 2008 projeto de restauração artística recuperou pintura e douramentos originais de imagens paredes laterais e retábulo da capela-mor. "Para a restauradora Débora Mendes, o restauro deveria permitir uma leitura uniforme da obra e um entendimento perfeito do estilo barroco. Assim foram retomadas as formas e as cores originais dos ornamentos." (ZARATI e MOREIRA, 2010, p. 10)

3. O RESTAURO CRITICO NA VISÃO DOS TÉCNICOS ATUAIS DO IPHAN: AS IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE MARIANA E A MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE PIRENÓPOLIS.

Em 1988 foram iniciados extensos trabalhos de restauração da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Mariana/MG, que se desenvolveram ao longo de quase onze anos. Já na conclusão das obras, às vésperas da inauguração um acidente provoca em 20 de janeiro de 1999 um incêndio de grandes proporções. Um operário que fazia a imunização final das tesouras de madeira do telhado da nave lançou um jato de querosene em uma lâmpada acesa provocando a centelha que se espalharia por todo o telhado.

O telhado desabou destruindo os altares laterais, o coro, o paravento e a grade em balaustres que dividia a nave. As peças em madeira da nave foram totalmente perdidas e as em pedra ficaram bastante danificadas. O fogo não atingiu a capela mor, mas o calor das chamas deslocou a superfície da pintura do altar mor.

A igreja da Ordem Terceira do Carmo havia sido construída entre 1783 e 1835. A talha e a pintura do teto da nave eram obras do rococó tardio mineiro.

A igreja volta a ser objeto de restauração, agora no intuito de reconstruir a nave na sua espacialidade o que envolveu a discussão de como refazer os elementos perdidos, em especial os altares colaterais.

O piso foi todo recuperado e os altares laterais estão sendo refeitos, de acordo com uma proposta discutida por uma comissão encarregada de orientar os novos projetos de restauração. Estes altares estão, no momento, sendo refeitos, embora não se conheça ainda a decisão sobre os elementos artísticos a serem incorporados aos mesmos. (Caldeira, 2002)

Optou-se por consolidar os elementos de pedra em tirar as marcas do incêndio. Aqui também foram refeitos os elementos de talha perdidos, sendo balaustres, púlpito, para-vento e retábulos refeitos com desenho simplificado. Tentando garantir uma alusão a espacialidade perdida, mas caracterizando fortemente como uma intervenção nova, nenhuma citação a policromia original é feita, ficando os novos retábulos com desenho simplificado e uma pintura gelo brilhante. Se por um lado, há uma enorme coerência teórica nas várias intervenções feitas na igreja, por outro, esses novos elementos destoam, aparecendo com grande fragilidade no confronto com as pedras marcadas pelo fogo.

Figura 3: Novo retábulo colateral da Igreja do Carmo em Mariana



Fonte: Foto do autor.

Na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis/GO, também teremos a influência da leitura do restauro crítico brandiano a guiar boa parte das escolhas do projeto de reconstrução. A igreja foi incendiada em 5 de setembro de 2002, apenas poucos anos depois da conclusão em 1999 de um completo restauro que havia trazido a luz elementos artísticos que faziam dela um dos principais monumentos do barroco goiano. Foi o primeiro edifício tombado no Estado de Goiás e a vasta igreja é o maior monumento construído em taipa de

pilão no País. As paredes de taipa formam o arcabouço estrutural, e alvenarias de adobe, preenchem as vedações das torres e da parte superior da fachada frontal. O incêndio destruiu completamente telhados e todo o recheio artístico da igreja, restando apenas as paredes.

O choque com a perda e a vontade de participar dos destinos da cidade fizeram com que as opiniões se multiplicassem e alcançassem posições extremadas. Havia os que apostavam na construção de uma replica fiel da velha Matriz e outros que, duvidando do sentido de se recuperar o monumento, defendiam a simples manutenção do que chamavam de "ruína". (UNES e CAVALCANTI, 2008, p. 68).

A igreja seria objeto de escoramento para evitar outros arruinamentos que prejudicassem o arcabouço em taipa de pilão. As obras vão se prolongar por quatro anos e ela seria reinaugurada em 2006.

Consolidar o existente, mas não procurar como em Mariana aludir a espacialidade perdida com a refação em modo simplificado dos elementos desaparecidos com o fogo, este é em linhas gerais o partido adotado na intervenção da Igreja Matriz de Pirenópolis.

Forros de nave e capela mor foram refeitos em madeira deixada aparente, bem como os balaustres do coro e da nave. Os pisos também foram refeitos em madeira. As paredes internas foram rebocadas e caiadas, a exceção do trecho onde restavam os nichos que recebiam os retábulos laterais. Estes não recebem reboco ficando como duas faixas a mostra da taipa de pilão do arcabouço. " Em lugar de adições ou cópias, apenas a ausência dos antigos retábulos como testemunhos do sinistro." (UNES e CAVALCANTI, 2008, p. 164).

Figura 4: nave e capela mor da Igreja Matriz do Rosário, Pirenópolis.



Fonte: UNES e CAVALCANTI, 2008.

Havia o problema do altar-mor, desaparecido com o incêndio. A permanência da igreja como local de culto exigia a construção de um novo altar-mor. Não caberia aqui uma reconstrução fiel como a feita na Madre de Deus no Recife, muito menos uma reprodução simplificada que poderia comprometer fortemente a qualidade da atmosfera religiosa conseguido com o



tratamento ascético da nave reconstruída. De certo modo recorre-se a posição de Lucio Costa de procurar inserir objetos antigos na nova intervenção. No caso não apenas imagens mas um inteiro retábulo. O altar da igreja, ruída há muitos anos, do Rosário dos Pretos da cidade estava guardado e era contemporâneo da igreja matriz. Essa solução, curiosamente, foi buscada em todas as restaurações iniciais do IPHAN, naquelas igrejas que não tinham mais o altar original pretendida, sendo sempre a recomendação da Direção Central, em especial de Lucio Costa, que representantes do IPHAN procurassem na região altares antigos para comprar e remontar nas igrejas restauradas. Isso foi buscado sem sucesso em diversas igrejas como a Igreja da Ajuda e a igreja de Belém, ambas em Cachoeira/BA. Solução assim foi também feita com o para-vento que hoje se encontra na Igreja do Outeiro da Glória no Rio de Janeiro e que pertencia originalmente ao Mosteiro de São Bento. O retábulo da igreja do Rosário dos Pretos de Pirenópolis é remontado na Igreja Matriz. De dimensões menores que o original da Igreja Matriz, ele é montado cenograficamente em um suporte de tábuas de madeira, ficando como que suspenso na parede do fundo da capela mor.

A intervenção da Igreja Matriz de Pirenópolis de modo inteligente algumas das idéias dos pioneiros do patrimônio e ao mesmo tempo faz uma leitura do restauro crítico, sem comprometer a qualidade estética e a necessária atmosfera religiosa que o uso do espaço requer.

Os quatro exemplos analisados aqui demonstram um debate bastante variado ao longo dos anos no Brasil e creio servem de contribuição a questão da reconstrução de monumentos destruídos por grandes calamidades.

REFERÊNCIAS

- CALDEIRA, A. B. A Igreja do Carmo de Mariana. In: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/03.027/759> agosto 2002.
- PESSOA, J. *Lucio Costa: documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.
- UNES, W; CAVALCANTE, S. *Fenis: Restauro da Igreja Matriz de Pirenópolis*. Goiania: ICBC, 2008.
- ZARATE D. L.; MOREIRA, F. D. *Conservação da autenticidade em centros históricos: um estudo sobre o Polo Alfândega no Recife*. Texto para Discussão V. 48. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2010.